
VIOÊNCIA PSICOLÓGICA DOMÉSTICA NA EDUCAÇÃO DE ESCRITORES BRASILEIROS

Maria Helena Palma de Oliveira

RESUMO: Este trabalho apresenta, inicialmente, a amostra mais ampla de escritores brasileiros que escreveram autobiografias, em prosa, e que privilegiaram a infância e/ou a adolescência como idade de vida e que, além disso, relataram episódios de violência doméstica sofrida. São destacados, dessa amostra, os dados referentes à violência psicológica que tiveram como motivação o processo de educação desses escritores. Esse tipo de violência ocorreu em razão de duas amplas categorias motivacionais: a imposição pelo adulto agressor de um modelo disciplinador e o processo de escolarização. Finalmente, analisam-se e discutem-se os dados textuais dos episódios de violência doméstica psicológica relatados pelos escritores brasileiros em suas autobiografias.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ; Violência doméstica ; Violência psicológica ; Escritores brasileiros ; Autobiografia

ABSTRACT: This work presents, initially, the widest sample of Brazilian writers who wrote autobiographies, in prose, and who emphasized their childhood and/or adolescence as an age of life having, besides that, related episodes of domestic violence. In this sample, is detached the data which refers to the use of the psychological violence in the writers' educational process. This kind of violence occurred in reason of two motivational categories: the imposition by the assaulting adult of a discipline model and the process of schooling. Finally, is analyzed and discussed the text data from the domestic psychological violence episodes related by Brazilian writer's in their autobiographies.

KEY-WORDS: Education ; Domestic violence ; Psychological violence ; Brazilian writers, Autobiography

As discussões que se estabelecem neste trabalho decorrem do estudo da construção social da infância no Brasil sob a temática da Violência Doméstica contra Crianças e/ou Adolescentes (Oliveira, 1998, 2001). O estudo tomou, numa perspectiva hodierna do fenômeno¹, a produção autobiográfica em prosa de poetas, prosadores, críticos e ensaístas brasileiros de todos os períodos literários que privilegiaram a própria infância como período de vida e relataram esse tipo de violência.

O universo pesquisado abrange toda a história da produção literária brasileira de 1500 a 1997. A amostragem inicial partiu dos escritores elencados em "*História concisa da literatura brasileira*" de Alfredo Bosi (Bosi, 1997), no entanto, outros escritores foram acrescentados durante a pesquisa. Do total de 539 escritores listados, apenas 48 (8,9%) produziram autobiografias. Considerando os escritores que produziram autobiografias, ou seja, os que, segundo Lejeune (1975), expressaram no texto o pacto autobiográfico, que permite saber que o relato tem como narrativa a própria vida do escritor, 44 (91,7%) abordaram a infância enquanto idade de vida, o que mostra que a mesma foi um período bastante privilegiado pelos escritores; além disso, 27 escritores (62,8%) dos que relatam a infância, apresentam episódios que podem ser categorizados hoje como Violência Doméstica contra Crianças e

Adolescentes. O Quadro 1, apresentado na seqüência, detalha esses dados. A violência autobiograficamente relatada foi categorizada em Psicológica, Física e Negligência. Não foi relatado nenhum caso de Violência Sexual doméstica.

¹ Como qualquer análise de conteúdo representa sempre uma e apenas uma das possibilidades de um olhar instrumentalizado, também sociohistoricamente constituído, sobre um dado *corpus*, o estudo optou por reproduzir os episódios analisados (veja Oliveira, 1998, Anexo B), a fim de que possam vir a ser revisitados por outros leitores capazes de outras leituras...

QUADRO 1 - *Escritores brasileiros com autobiografia por período período literário e pelo tipo de violência doméstica sofrida na infância e/ou adolescência*

Período Literário	Escritor (a)	Tipo de Violência		
		Psicológica	Física	Negligência
Realismo/ Parnasianismo	José J. C. Medeiros e Albuquerque (1867-1934)	X		
	Humberto de Campos (1886-1947)	X	X	X
	Mário Sette (1886-1950)	X		
Simbolismo	Álvaro M. da Soledad Moreira (1888-1964)	X		
Pré-Modernismo	Everardo Backeuser (1879-1951)	X	X	
	José Pereira da Graça Aranha (1868-1931)	X		
	Paulo Setúbal (1893-1937)			X
Modernismo	Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990)	X	X	
	Érico Veríssimo (1905-1975)	X	X	X
	Gilberto Amado (1887-1969)	X	X	X
	Pedro Calmon de Bittencourt (1902-1985)			X
Tendências	Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) (1893-1983)	X		
	Antonio Carlos Villaça (1928)	X		
	Augusto Frederico Schmidt (1906-1965)			X
	Carmo Bernardes (1915)	X	X	
	Cyro V. dos Anjos (1906-1994)	X		
Contemporâneas	Eugênio Gomes (1897-1972)	X	X	X
	Graciliano Ramos (1892-1953)	X	X	X
	Helena Silveira (1911-1984)	X		
	Herberto Sales (1917)	X	X	
	José Américo de Almeida (1887-1980)	X	X	X
	José Lins do Rego (1901-1957)	X	X	X
	Ledo Ivo (1924)	X	X	
	Luís Jardim (1901-1987)	X	X	X
	Murilo Mendes (1901-1975)			X
	Paulo Duarte (1899-1984)	X	X	
Pedro Nava (1903-1984)	X			
Totais	27	23	14	12

Fonte: Oliveira (1998, p.173)

Entende-se por violência o padrão de relacionamento assimétrico-hierárquico de poder, cujos objetivos aparecem bem definidos no contexto da dominação, exploração e opressão. Para Chauí (1985), a violência ocorre quando se convertem os diferentes em desiguais e a desigualdade numa relação entre superior e inferior; de outro ângulo, a violência, enquanto ação, transforma o ser humano em coisa, em objeto. O impedimento ou a anulação da atividade e da fala de outrem é violência. Para Chauí (1985, p.23-62) a violência é “... uma realização determinada das relações de força, tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais”. A autora aborda questão sob dois ângulos:

"como conversão de uma diferença e de uma assimetria, numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e de opressão"; além disso, "como a ação que trata o ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio". (Chauí, 1985, p.61-62).

A violência não pode ser vista como um fenômeno inerente à natureza humana, mas como um fenômeno condicionado ao modo de organização social, que é historicamente construído. Existe a violência estrutural, constitutiva da condição de ser-humano - condição essa que tem nas relações sociais, o próprio espaço das relações de poder. Essa não é a única possibilidade de relacionamento humano, no entanto, é a que historicamente se repete. Relacionando-se à violência estrutural, ou seja, à violência entre classes sociais, resultante do modo de produção das sociedades desiguais, “coexiste a violência inerente às relações

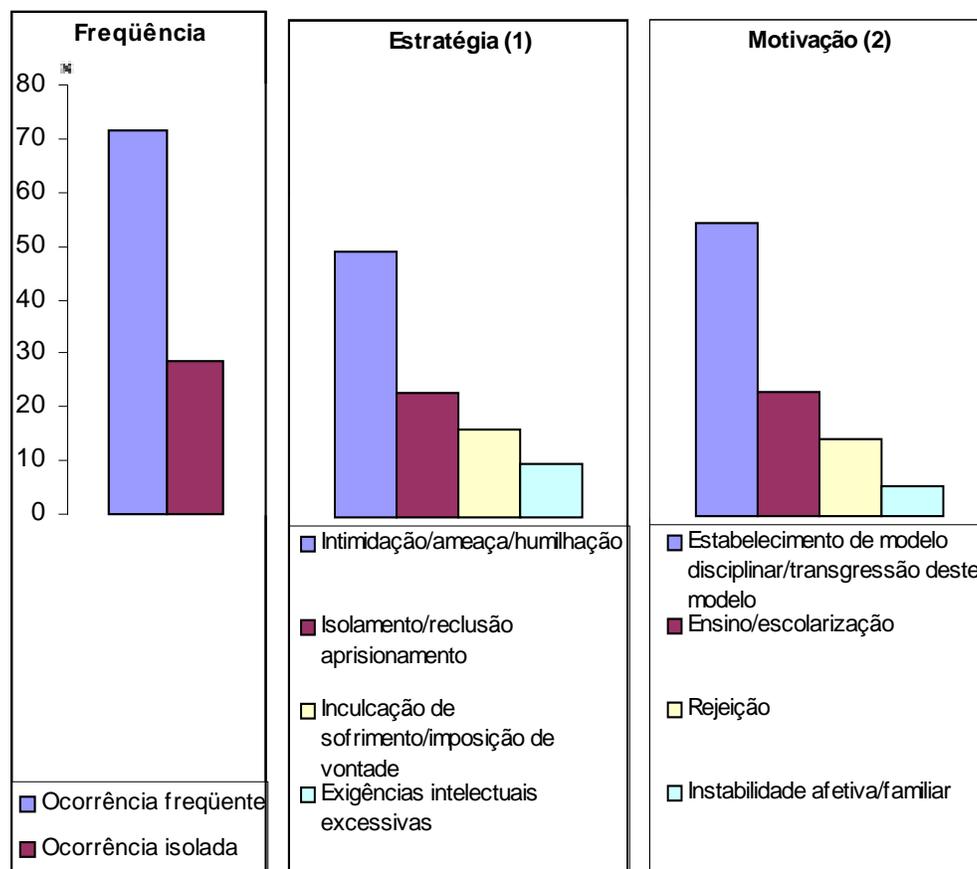
adulto criança” (Azevedo e Guerra, 1989, p.35). Essa violência de caráter interpessoal nem sempre tem seus determinantes na violência estrutural. Concretiza-se no poder do adulto sobre a criança: “*é uma forma de aprisionar a vontade e o desejo da criança, de submetê-la, portanto, ao poder do adulto, a fim de coagi-la a satisfazer interesses, expectativas ou paixões deste*” (Azevedo e Guerra, 1989, p.35)

A violência doméstica contra crianças e/ou adolescentes inter-relaciona duas questões: família e infância. Por isso, imbrica-se diretamente no padrão sociohistórico do uso da violência como solução de conflitos. Esse contexto de relacionamento interpessoal que envolve a família e a infância, encontra-se profundamente marcado pelas relações que os processos de educação e de escolarização estabelecem.

A violência a que se refere este trabalho é, especificamente, a Violência Doméstica contra Crianças e/ou Adolescentes, ou seja, a violência praticada no lar, por pais (biológicos ou de afinidades), responsáveis legais (tutores, padrinhos, etc). ou parentes (irmãos, avós, tios, primos etc.), contra crianças e/ou adolescentes (todos os menores de 18 anos).

A violência doméstica concretiza-se através da violência física, da violência psicológica, da negligência e da violência sexual. A abordagem deste estudo é especificamente a violência psicológica doméstica e sua relação com processo de educação na infância e/ou adolescência de escritores brasileiros. A Figura 1 traz detalhes da frequência, das estratégias utilizadas, bem como das motivações para o ato.

FIGURA 1 - Caracterização da Violência doméstica psicológica pela frequência, estratégia e motivação para o ato



Fonte: Oliveira (1998, p.178)

A conceituação de violência doméstica está relacionada também a outras questões conceituais complexas como a motivação do agente (agressor) e o efeito do ato sobre a vítima (Azevedo e Guerra, 1989). A motivação para o ato prende-se dialeticamente a fatores que envolvem a questão infância, a questão família, a questão violência. A questão infância vincula-se à consciência que determinada cultura tem da infância: quais os sentimentos que se relacionam a ela: quais os mitos que esse sentimento comporta; enfim qual o valor da infância

e em que tipo de atitudes ele pode concretizar comportamentos de compreensão, aceitação e respeito para com a criança. A questão família liga-se ao padrão de relacionamento interpessoal, esse padrão comporta fatores conjunturais e estruturais, já apontados anteriormente. A conjugação desses fatores pode facilitar a ocorrência de violência contra crianças e adolescentes no interior da família, espaço marcado pela distribuição desigual de poder.

O efeito do ato sobre quem o recebeu tem caráter importantíssimo no que se refere à sua identificação como violência doméstica. O efeito danoso do ato sobre a criança ou adolescente é considerado tanto no seu caráter efetivo quanto potencial. Significa que cabe destacar o sofrimento que a ação do adulto provoca na criança vítima. Nesse caso, procurou-

se sempre privilegiar uma visão individualizada, uma vez que, se, por exemplo, o olhar da avó de Pedro Nava representou um momento de sofrimento e reflexão capaz de marcar toda uma mudança de comportamento da criança de 8 anos, então este fato não poderia ser excluído (Nava, 1977).

QUADRO 2 - *Escritores brasileiros com autobiografia e relato de violência psicológica doméstica na infância e/ou adolescência por período literário e pela motivação do ato*

Períodos Literários	Escritores brasileiros com autobiografia com relato de violência psicológica doméstica na infância e/ou adolescência	Motivação	
		Estabelecimento de modelo disciplinador ou transgressão do modelo	Processo de ensino ou escolarização
Realismo/ Parnasianismo	J.J. Campos Medeiros e Albuquerque	X	
	Humberto de Campos	X	X
Simbolismo	Álvaro M. de Soledad Moreyra		X
Pré-Modernismo	Everardo Backeuser		X
	José Pereira da Graça Aranha		X
Modernismo	Afonso Arinos de Mello Franco	X	
	Érico Veríssimo	X	
	Gilberto Amado	X	
Tendências Contemporâneas	Alceu Amoroso Lima		X
	Antônio Carlos Villaça	X	
	Carmo Bernardes	X	
	Cyro Versiani dos Anjos	X	
	Eugênio Gomes	X	
	Graciliano Ramos	X	X
	Helena Silveira	X	
	Herberto Sales	X	
	José Américo de Almeida	X	X
	José Lins do Rego	X	X
	Ledo Ivo	X	
	Luís Jardim	X	X
Paulo Duarte	X		
Totais	21	17	09

Fonte: Oliveira (1998)

A Violência Psicológica, também denominada de “tortura psicológica”, caracteriza-se pelo grande sofrimento mental que o adulto causa à criança. Para isso, o adulto pode utilizar-se de diversos procedimentos como depreciar a criança, bloquear seus esforços de auto-aceitação, ameaçar abandoná-la; provocando através do medo e da ansiedade o sofrimento psicológico. Esse tipo de violência pode assumir duas formas básicas: negligência afetiva e rejeição afetiva: “A negligência afetiva consiste numa falta de responsabilidade, de calor humano, de interesse com as necessidades e manifestações da criança. A rejeição afetiva caracteriza-se por manifestação de depreciação e agressividade para com a criança”. (Azevedo & Guerra, 1989, p.41)

Houve dois motivos interligados para a ocorrência de violência psicológica doméstica relatados pelos escritores brasileiros, sendo que o conjunto dessas motivações é componente fundamental do processo mais amplo de educação familiar: a primeira categoria motivacional foi decorrente do objetivo da família de estabelecer um modelo disciplinador ou foi decorrente da transgressão, por parte da criança ou do adolescente, do modelo disciplinador que estava sendo imposto. O Quadro 2, mostra que grande parte dos escritores brasileiros estudados (17) sofreu violência psicológica devido a essa categoria motivacional. Outra motivação, também bastante recorrente, vinculou-se ao processo de ensino/escolarização, relatado por 9 escritores. Essas foram as motivações mais apontadas pelos escritores; juntas envolveram 21 (91,3%) dos 23 escritores (conforme Quadro 2) que relataram violência psicológica na infância e/ou adolescência.

No entanto, apenas os dados quantitativos não conseguem expressar os significados das relações familiares enredados nos episódios de violência psicológica doméstica sofrida pelos escritores brasileiros que marcaram o processo de educação/escolarização na infância. Essa limitação impõe a necessidade de discussão de dados autobiográficos textuais. Nesse sentido, o episódio relatado por Luís Jardim é esclarecedor:

"Floriano Ivo, pai do meu amigo Lêdo Ivo, poeta e escritor, viu-me do lado de fora e convidou-me a entrar. Recusei o convite, mas aceitei o cálice de vinho-do-porto que ele me deu na janela. Era a primeira vez que bebia aquele vinho generoso. Aceitei repetições, e, daí a pouco, um tanto transtornado pelo álcool, acabei entrando na festa. Foi um escândalo para as minhas irmãs. Sabendo que não lhes obedecia, recorreram à autoridade das minhas tias Santa (Maria Quitéria) e Lica (Maria Augusta), irmãs da minha mãe. Elas riram e nada me disseram, eu então continuei na festa como um penetra de honra.

No dia seguinte a fisionomia de mamãe indicava que ela sabia de tudo. Estremeci. Involuntariamente me apalpei, como a proteger as partes onde eu sabia que a chinela grossa bateria sem piedade. Disse-me, carrancuda:

— Quero falar com você lá no fundo do quintal. Suspirei, aliviado. Sabia que surra não seria dada com meu pai em casa. A conversa foi esta, em caráter sério, grave, articuladas as palavras para meu espanto até mansamente: ela não me daria uma surra. Pancadas, por mais fortes que fossem, não seriam punição bastante para o ato vergonhoso que

eu tinha praticado. Ela então havia feito uma promessa a Nossa Senhora da Conceição, e eu devia saber que os castigos do Céu eram bem piores do que os da terra. Eis a promessa: se eu bebesse qualquer líquido que contivesse álcool, ela, a minha mãe, morreria instantaneamente. Dependia de mim que ela vivesse ou morresse.

Devo ter ficado com a macilência dos mortos. Arregalei os olhos de espanto doido, senti o sangue fugir, frouxos músculos e tendões. Tibiez total. Ela saiu, e eu ali fiquei, pétreo, indeciso, mortificado. Pus um olhar que era um pedido de socorro ao meu Cajueiro, certo de que o Céu não me ajudaria mais. Não cheguei a ver nenhum gesto vegetal, porque as minhas lágrimas não deixaram.

Era um pranto diferente, copioso, denúncia líquida de que eu era o último dos seres, triste menino imprestável para a vida. O suicídio, mesmo que fosse o maior dos pecados, seria o castigo que eu merecia. Eu não poderia contar com Nossa Senhora da Conceição, a minha madrinha, porque ela já estava envolvida na sentença, a minha mãe recorrera a ela primeiro do que eu. A morte da minha mãe dependia de mim... a morte da minha mãe dependia de mim, era o que eu ouvia, repetidamente, nem sei de onde vinha a voz. Entre crer e não crer, uma ameaça pairava, misteriosa, em nome de um dos donos do Céu.

Ninguém acredita tanto em mistérios quanto eu, que vasta é a boa ignorância da criança. Rezei, fiz promessas adoidadas, comprometi-me a ter procedimento impossível, como se me fosse fácil tornar-me angélico. Depois chorei, chorei, até ser vencido por uma lassidão benfazeja. Acordei meio

assombrado, desejando fugir de mim mesmo.

Quantos dias passei esmagado por aquela impressão tremenda? Não sei. O martírio foi passando, passando, vencido talvez, pelo poder da vida.

A minha mãe jamais poderia imaginar que a minha reação fosse a de quem, subjogado por um tormento, divisasse no suicídio a salvação derradeira. É que ela queria, como admirável mãe, excessiva na severidade, que o filho tivesse em todos os sentidos a melhor das condutas. Ela queria que eu fosse modelar, figurino para todos os meninos do mundo. Infelizmente para mim, ela desconhecia o meu íntimo, a sensibilidade atrapalhada da minha natureza. Eu também os desconhecia. Sentia-lhes apenas as conseqüências, expressões tortas de mim mesmo." (Luís Jardim, 1976, p.14-15)

Tentando um diálogo com o discurso de Foucault (1987)² aqui com o objetivo de entender a arte de punir "*as deliquências*" infantis narradas pelos escritores brasileiros em suas autobiografias, observou-se que em relação à violência psicológica os agressores em questão, apresentaram um alto refinamento da técnica de punição.

No episódio expresso acima, a mãe agressora substituiu a violência física já comum no modo de relacionamento com o filho (Jardim, 1976), por uma nova estratégia. Apostando no sentimento de

² O texto de Foucault (1987, p 27 a 32) é esclarecedor quando trata da "tecnologia política do corpo" principalmente através de aparelhos "eficientes" na arte de punir as crianças em casa.

culpa infantil, substituiu os sinais-obstáculos corriqueiros: o cerimonial da surra do fundo do quintal, às escondidas, e "a chinela grossa" por um novo sinal extremo: o pseudopoder da criança sobre a existência da mãe. O caráter extremo da prática trouxe à tona a possibilidade do suicídio, da não existência da vítima que se viu como culpada e incapaz de suportar um compromisso onde as partes envolvidas tinham poderes tão desiguais: a mãe e "Nossa Senhora" e, na ponta, ele, "atrapalhado" e "torto".

A marca mais evidente da dor para os escritores que narraram a violência psicológica na infância foi o medo e a vergonha decorrentes da intimidação, ameaça e humilhação (Figura 1). A segunda foi o sofrimento causado pela solidão e o silêncio a que a criança se vê confinada.

O processo de silenciamento do sujeito - a criança e/ou adolescente - apresentou-se de modo mais absoluto ainda do que o processo de silenciamento do criminoso em "Vigiar e Punir" de Foucault (1987). Nos casos aqui estudados, não houve a quem recorrer, a fala não pôde ser recuperada pelo juiz ou por outros elementos que compõem o processo judiciário, como no caso do crime. A criança devia silenciar para que sua pena não fosse redobrada. O que se observou no estudo realizado é que em nenhum episódio relatado, pelos escritores, a criança e/ou adolescente que sofreu a violência, teve oportunidade de expressar-se, de questionar, ou de pelo menos ser ouvida por outro familiar no momento de dor. O único elemento que restabeleceu a possibilidade de diálogo foi a imaginação, o sonho infantil. Luís Jardim (Jardim, 1976) conversava com seu cajueiro e outros vegetais do quintal; Graciliano Ramos inventava homens do

tamanho de um polegar de criança (Ramos, 1995, p.96-98); José Lins do Rego sentia-se compreendido pelo seu canário (Rego, 1956, p.343 e seguintes).

A análise dos episódios narrados mostrou que a criança devia ser o sujeito obediente; a punição de caráter psicológico apresentou-se sob um modelo coercitivo-corporal. Surgiu para a maior parte dos escritores como decorrência da ordenação do espaço e do tempo da criança e/ou adolescente no interior da casa ou em decorrência da escolarização. Manifestou-se de forma bastante extrema através de cárcere escuro para Herberto Sales (Sales, 1988) ou da utilização de cordas para Humberto de Campos (Campos, 1947), e ainda de forma mais sutil, porém constante, para Antonio Carlos Villaça: numa "reclusão relativa [...] de uma infância fechada, presa" (Villaça, 1970, p.26-27). Uma infância que para José Américo de Almeida representou "a gaiola que (o) confinara" (Almeida, 1986, p.121). O mesmo controle que levou José Lins do Rego "neto de um homem rico (a ter) inveja dos moleques da bagaceira" (Rego, 1956, p.5). No entanto, o controle sobre o corpo da criança conseguiu ser rompido pela liberdade do imaginário, como em Graciliano Ramos:

"Durante a prisão ... Entretinha-se remexendo as maravalhas, explorando os recantos escuros, observando o trabalho das aranhas e a fuga das baratas. Divagava imaginando o mundo coberto de homens e mulheres da altura de um polegar de criança."
(Ramos, 1995, p.90)

O poder sobre o corpo da criança e/ou adolescente no controle do espaço e do tempo expressou-se também na

exterioridade da casa, criando condições para a violência psicológica sofrida por vários escritores, principalmente por ocasião da escolarização. Tal violência "*poderia ter sido fatal*" para Alceu Amoroso Lima que acusou: "*Foi meu pai que o provocou.*" (Lima, 1973, p.127)

Uma característica, no que se refere às estratégias da violência psicológica, chamou a atenção: o poder do olhar do agressor, constituindo-se como sinal-obstáculo para a ação infantil. Ou seja, como um dispositivo voltado para o futuro e utilizado pelo agressor para que, através da lembrança do "*delito cometido*", houvesse o bloqueio da repetição de tal "*delito*".

A energia se limitava em muitos casos a "*apenas um olhar. Para que mais?*" diz Eugênio Gomes (Gomes, 1969, p.126). Isso porque, conforme Ledo Ivo, vivia-se em um "*universo, hoje esvaído, em que os filhos tratavam o pai de 'senhor' e a mãe de 'senhora', e um olhar ríspido era a véspera da palmatória ou da surra de cinturão.*" (Ivo, 1985, p.41). E também porque a distância entre o agressor e a criança era imensa e intransponível, apropriada a uma "*instância suprema, a suma potestade, ante a qual se paralisavam a palavra e o gesto da prole*", afirmou Cyro dos Anjos (Anjos, 1963, p.32); em consequência "*um silêncio súbito caía sobre a família, quando seu vulto assomava à porta da sala*" (Idem, ibidem, p.32).

O olhar da agressora (a avó) foi o momento decisivo na vida infantil de Pedro Nava; isto porque acabou provocando a mobilidade, a mudança de comportamento do menino que conseguiu ver na violência do olhar de maldade, o desdém e o preconceito da avó em relação a ele: a síntese do modo de

relacionamento dela com as pessoas de quem não gostava (Nava, 1973).

Nas autobiografias estudadas, foram os pais que estabeleceram os papéis da criança e/ou adolescente unicamente em função dos interesses daqueles. Prevaleceu o interesse do grupo familiar, representado, geralmente, pelo chefe da família. Às vezes, a mãe foi quem mais de perto incorporou esse papel, como no relato autobiográfico de Luís Jardim:

"Sei que a minha mãe exagerava nas punições. É que ela não se contentava em ter o único filho homem apontado apenas como um menino bem-comportado, educado e de bons modos. Ela queria — disse-lhe eu mais de uma vez, já homem feito, e ela ria — queria um santo feito a bordoadas e puxavantes. Era o ideal de mães de então, que anteviam barbas sisudas nos filhos de sete ou oito anos, e contentes ficavam quando se dizia que os filhos delas pareciam já uns homenzinhos. Havia prazer, certo orgulho mesmo pela antecipação, isto é, pela aparência de homem no menino ainda de calças curtas. Garotos que soubessem vender em balcões, que dessem palpites sobre negócios, desses se dizia com empáfia: não são mais promessas, já são homens feitos! O menino prodígio de então não era o que revelasse talento e aproveitamento incomum nos estudos, mas o que fosse precoce em compostura de homem: sisudez, boca fechada ao riso, calças compridas, antilúdicos. Refiro-me aos costumes matutos, que também eram os meus". (Jardim, 1976, p.11).

O modelo do mini-adulto foi predominante, a criança e/ou adolescente não foi vista a partir de suas condições peculiares de desenvolvimento. O que

havia de infantil nela devia ser contido por entrar em confronto com o modelo ideal pré-estabelecido.

Helena Silveira representou um caso bastante distinto, uma vez que o fato de que ela reclamou foi o da inculcação de um sofrimento que na realidade ela não sentira (a morte da mãe quando era bem pequena) e, principalmente em decorrência da inculcação de um "modelo" de órfã que atendesse ao desejo das tias (Silveira, 1983). De qualquer forma, é resultante do abuso de poder das tias que apostaram no total controle da mente infantil em benefício dos próprios interesses.

A gravidade da violência sofrida merece destaque. Em Graciliano Ramos começou a ocorrer muito cedo (em torno dos quatro anos de idade), marcando a lembrança para toda a vida adulta (Ramos, 1995). A violência chegou a transformar-se em suplício ou tortura, pois esteve amarrado à cama com os olhos queimando pela doença a que fora acometido e pelas "claras de ovos" colocadas pela família; além disso, sentia as picadas dos mosquitos sem que nada pudesse fazer. Em outros escritores, Pedro Nava, Everardo Backheuser, a violência sofrida pôde motivar uma mudança radical no comportamento (Nava, 1977, Backheuser, 1942). Em outros, ainda, a mágoa e/ou a incompreensão do fato dura anos e tornou-se a marca principal da infância conforme relatam Afonso Arinos (Franco, 1961), Alceu Amoroso Lima (Lima, 1973), Luís Jardim (Jardim, 1976), Antônio Carlos Villaça (Villaça, 1970) e o próprio Graciliano Ramos (Ramos, 1995). Luís Jardim tentando superar a incompreensão, quando adulto, questionou a mãe (Jardim, 1976, p.11 e 15). No entanto, a consequência mais grave, no conjunto dos escritores

(Oliveira, 2001) foi a negatividade da representação de si mesmos na infância³.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J.J.C.M. e. **Minha vida: memórias**. Rio de Janeiro: Calvino Filho Editor, 1933.

AMEIDA, J.A. de. **Memórias: antes que me esqueça**. 2.ed. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1986.

AMADO, G. **História da minha infância**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

ANJOS, C.V.dos. **Explorações no tempo: memórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

ARANHA, J.P.G. **Meu próprio romance**. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1931.

AZEVEDO, M.A. ; GUERRA, V.N.A. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 1989.

BACKEUSER, E. **Minha terra e minha vida: Niterói há cinquenta anos**. Rio de Janeiro: IBGE, 1942.

BERNARDES, C. **Rememórias II**. Goiânia: Leal, 1969.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 34.ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

³ As representações que os escritores brasileiros, vítimas da violência doméstica, constroem com base nos relacionamentos domésticos marcados pela violência são objeto de estudo em Oliveira (2001).

- CALMON, Pedro. **Memórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CAMPOS, Humberto de. **Memórias**: primeira parte (1886-1900). 2.ed. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1947.
- CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.23-62.
- DUARTE, P. **Memórias**: as raízes profundas. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1976.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história das violências nas prisões. 9.ed. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- FRANCO, A.A. de M. **A alma do tempo**: memórias (formação e mocidade). Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- GOMES, E. **O mundo da minha infância**: memórias. Rio de Janeiro: Gráfica Olympia Editora, 1969.
- IVO, L. **Confissões de um poeta**. São Paulo: Global, 1985.
- JARDIM, L. **O meu pequeno mundo**: algumas lembranças de mim mesmo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.
- LIMA, A.A. (Pseudônimo: Tristão de Athayde). **Memórias improvisadas**: diálogo com Medeiros Lima. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- MENDES, M. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- MOREIRA, Á.M.S. **As amargas, não**: lembranças. Rio de Janeiro: Lux, 1955.
- NAVA, P. **Balão cativo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- OLIVEIRA, M.H.P. de. **Lembranças do passado**: a infância e a adolescência na vida de escritores brasileiros. 1998. 372f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- OLIVEIRA, M.H.P. de. **Lembranças do passado**: a infância e a adolescência na vida de escritores brasileiros. Bragança Paulista, SP: USF-IFAN, 2001 (no prelo).
- RAMOS, G. **Infância**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1995.
- REGO, J.L. do. **Meus verdes anos**: memórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- SALES, Herberto. **Andanças por umas lembranças**: subsidiário II. São Paulo: Nacional, 1988.
- SCHMIDT, A.F. **As florestas**: páginas de memórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- SETTE, M. **Memórias íntimas**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980.
- SETÚBAL, P.O. **Confiteor**: obra póstuma. São Paulo: Saraiva, 1953.
- SILVEIRA, H. **Paisagem e memória**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1983.

VERÍSSIMO, É. **Solo de clarineta**. 5.ed.
Porto Alegre: Globo, 1976.

VILLAÇA, A.C. **O nariz do morto**. Rio
de Janeiro: JMC, 1970.

Maria Helena Palma de Oliveira
Doutora em Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento
Docente do curso de Mestrado em Educação da
Universidade Bandeirante de São Paulo
e-mail: mhelenapalma@aol.com
